

INSS - 2358-3320

Luiz L. Marins
ÒRÌSÀ PODE TUDO?

Editorial
SOBRE OBÀTÁLÁ

Erick Wolff8
Orí - Um conceito de noção de pessoa.

Editorial
TRADIÇÃO X COSTUME.

Editorial
CABINDAS, HISTORIA - CRENÇAS - USOS E COSTUMES.

Tata Kiretauã
MAKURIÁ NZAMBIRI KIA MINKISI (COMIDAS SAGRADAS DOS MINKISI).



01/01/2015

Redação



ISSN 2358-3320
www.olorun.com.br





CARTA DO EDITOR

Nesta edição a Revista *Olórun* traz a continuação da série sobre Cabinda, e um texto sobre comidas sagradas dos minkisi.

Traz também editoriais sobre Tradição x Costume, *Orí* e *Obàtálá*.

Boa leitura

Erick Wolff8



ÍNDICE

Luiz L. Marins

ÒRÌṢÀ PODE TUDO? p. 07

Editorial

SOBRE *ỌBÀTÁLÁ* p. 08

Erick Wolff8

Orí - Um conceito de noção de pessoa. P. 16

Editorial

TRADIÇÃO X COSTUME. p. 18

Editorial

CABINDAS, HISTORIA - CRENÇAS - USOS E COSTUMES. P. 38

Tata Kiretauã

MAKURIÁ NZAMBIRI KIA MINKISI (COMIDAS SAGRADAS DOS MINKISI). p. 96

ÒRÌS̱À PODE TUDO?

Luiz L. Marins

Òris̱à pode tudo, até 50 %.
Os outros 50% dependem de *Orí*.

Orí pode tudo, até 50%.
Os outros 50% dependem de *ìmòye* (conhecimento).

Ìmòye pode tudo, até 50%.
Os outros 50% dependem de *o̱gbó̱n* (sabedoria).

O̱gbó̱n pode tudo, até 50%.
Os outros 50% dependem de *iwà* (caráter).

É por isso que Ifá diz que nenhum *òrìs̱à* pode ajudar uma pessoa,
Sem o consentimento de seu *Orí*.

SOBRE *O̱BÀTÁLÁ*

IN FACEBOOK

29/11/2014



O primeiro ser criado, e que testemunhou a criação de todos os outros seres. *Obàtálá* fundou primeiro assentamento humano conhecido como *Iranje-Idita*, onde também *Obàtálá* começou a criação do homem usando o barro.

Posteriormente, *Olódùmarè* soprou o "sopro da vida" dentro do homem. Por causa do trabalho de modelar as características físicas do homem com barro, *Obàtálá* foi conhecido como "*Mori Mori*" (*Alamo tin mori omo tuntun*), significando: "O modelador das cabeças, o dono do barro que modela as cabeças das crianças", conforme registrado pelo *odu Ifá ogbe-yonu*.

O primeiro filho de *Obàtálá* e *Yemoo* na terra foi chamado *Olufon*, cujos descendentes fundaram o reino de *Ifon*. *Obàtálá* tem duas mulheres, *Aje Yemoo,* e *Oje* com a qual teve um menino chamado *Obalesun*, que significa: "o rei pode dormir" (nome da criança *Olufon*). A tradição oral vai mais longe ao dizer que *Obàtálá* tem 201 mulheres, mas Aje *Yemoo* e *Oje* são suas favoritas.



Alguns dos nomes dos filhos de *Ọbàtálá* são:
(a ortografia foi mantida da forma originalmente escrita)

Obalesun,
Olufan,
Oladikan,
Olaosa,
Nini,
Ainin,
Obalurin,
Obalele,
Obaluru,
Oni are,
Orisawusi,
Orisa gbuyin,
Ojularere,
Oribamito Orisa,
Oluwe,

Akala Orisa,

Olomo,

Oso,

Lemo Orisa,

Obaluaye,

Orisa ko akomi,

Akire,

Yeyeletiko,

Loogun Ekun,

Lori Omo,

Lajogun,

Yeye Lominrin,

Yeye Meso,

Aje Ogungun Nuso,

YeyeLotun,

Alore,

Yeye Niwe,

Omonla,

Obalepon
E mais.

Qualquer *òrìṣà* que usa todos os objetos sagrados que existem no tempo de *Ọbàtálá,* é reconhecido um filho de *Ọbàtálá.* Qualquer *òrìṣà* que come caracol, inhame amassado, com sopa de melão cozida com *orì*, sem sal, é reconhecido como um filho de *Ọbàtálá*.

Estes são os objetos sagrados que são encontrados no templo de *Ọbàtálá*, em *Ilè Ifè*.
(a ortografia foi mantida da forma originalmente escrita)

Sese efun (contas brancas)
Aso Ala (pano branco)
Oje (latão)
Omi Ero (agua pacificadora)
Ase (autoridade)
Aja (campainha)
Ikoide (pena vermelha de papagaio)
Ewo (gongo de metal)

Apere Orisa (cesta de culto)

Ikoko aaawe (pote de água sagrada)

Aro baba ati Aro yeye (tambores macho e fêmea tradicionais)

Opon Ewo (mesa para músicos)

Opon Eran (mesa para refeição)

Ibebe (um tipo de tambor)

Omele Ibebe (suporte para tambor)



https://www.facebook.com/547760048651641/photos/a.547762971984682.1073741827.547760048651641/711547095606268/?type=1&relevant_count=1

FONTE:

Facebook, The *Holy Temple of Ọbàtálá*, acessado em 01/12/2014, disponível em: <https://www.facebook.com/547760048651641/photos/a.547762971984682.1073741827.547760048651641/711547095606268/?type=1>

PAGINA OFICIAL DO TEMPLO DE *ỌBÀTÁLÁ* FACEBOOK:

https://www.facebook.com/pages/The-Holy-Temple-of-Obatala-Ile-Ife/547760048651641

Tradução e adaptação: Luiz L. Marins www.luizlmarins.com.br





Um pote mal feito não carrega conteúdo.

Um pote inacabado não fica em pé.

E um pote vazio acaba rachando com o tempo.

Por isso, quando for escolher um pote veja quem o fez, veja se o oleiro foi gentil e dedicado ao modelar este pote, ou terá nas mãos um produto que não servirá de nada.

[Erick Wolff8]

www.olorun.com.br

ORÍ

Por Erick Wolff

Vídeo *Orí*

Um conceito de noção de pessoa.
< http://olorun.com.br/documentos/Ori.ppsx>



TRADIÇÃO X COSTUME

FACEBOOK

GRUPO CANDOMBLÉ PESQUISA

06/02/2013

TEMA INÍCIADO POR VALNEY VIANNA

 VALNEY VIANNA

Estes termos muitas vezes aparecem como sinônimos e uma olhada nos dicionários, dos mais variados tipos e qualidades não nos deixam dúvidas quanto a "proximidade" em significado, contudo, não os colocam como sinônimos de fato.

Um melhor entendimento destes termos poderiam auxiliar uma melhor interpretação sobre dados aspectos?!



 Robson Cruz

Tradição é costume institucionalizado.

 Valney Vianna

O costume precede..."cria" a tradição, é isso Robson Cruz?

 Robson Cruz

Os costumes não criam a tradição, mas são usualmente utilizados para expressá-la. Ela depende de um interlocutor. Comer com garfo e faca é costume. Mas pode se converter em tradição se vamos lidar com algum grupo que come com os dedos ou com pauzinhos. Colocamo-nos em contraposição a estes através do ato de comer, que assim se converte em um comportamento tradicional.

 Valney Vianna

E essa dependência é uma regra?

 Robson Cruz

Não. Há tradições que são "emprestadas" dos outros, e outras que nascem do absolutamente nada.

 Valney Vianna

Entendo isso perfeitamente.

 Valney Vianna

Assim, no caso dos "emprestados", fica caracterizado um corte prematuro com seu grupo, logo, com seus costumes. Ouseja, não teve tempo de aprender sobre seus costumes. Acho que tal definição tambem serve para essa galera que tira costumes da cartola...

 Robson Cruz

BINGO! Mas neste caso o melhor exemplo está nos candomblés africanizados.

 Robson Cruz

E nem sempre é pela falta de tempo para aprendizagem, porque no caso nem são os costumes é que estão em jogo, mas se identificar ou não com o grupo original.

 Valney Vianna

Boa!

 Luiz L. Marins

Robson, interessante a referência aos candomblés [re]africanizados. Mas para quem já nasce no santo dentro do candomblé [re]africanizado, o empréstimo, a cartola, ou o que nasceu do nada, não passarão a ser para ele, um costume de origem? Qual seria a referência para ele saber que o costume em que ele nasceu é um empréstimo, saiu da cartola ou nasceu do nada?


Robson Cruz

Passarão a ser tradição. É assim com elas nascem.


Robson Cruz

Sempre se afirmará que aquilo SEMPRE foi assim, e não faltarão estorinhas para justificar.


Luiz L. Marins

Penso que isto explica as diferenças de fundamento entre as casas de uma mesma linhagem. Antropologicamente, a tradição reinventada, aceita, e profundamente praticada, mas totalmente desalinhada com a matriz de origem, teria legitimidade?


Valney Vianna

Segundo o dicionário:

le.gí.ti.mo: adj (lat legitimu) 1 Fundado no direito ou na razão. 2 Que tem força de lei. 3 Válido perante a lei. 4 Verdadeiro. 5 Concludente. 6 Genuíno, puro. 7 Autêntico. 8 Diz-se do filho que procede do matrimônio. Antôn (acepções 4 e 7): falso; (acepção 8): ilegítimo. L.

 Luiz L. Marins

Explicado!

 Valney Vianna

Bom, dando seguimento ao tema, tendo em vista que a relação tradição X costume já está definida, adentremos as variantes desta primeira relação trazendo à tona a (sub) relação intra étnica entre matriz X filial.

 Valney Vianna

Meu ponto de vista a cerca desta (sub) relação é que ela está precedida pelo princípio individual que nos rege e antecede quaisquer situações de ordem comunitária...de grupo... étnica. Esse princípio, em meu ver, nos garante, por lógica e bom senso, um nível (%) de diferencial dos costumes praticados dentro de meu ventre étnico, contudo e considerando garantir uma identidade (sobre nome), devemos ter um limiar que nos garanta legitimidade de linhagem para que não descaracterizemos e ou mesmo vilipendiemos nosso núcleo familiar.

 Valney Vianna

Creio também, que este diferencial esteja limitado, única e exclusivamente as questões individuais do líder dessa nova filial, assim, pegar-se-ia o comum a todos na matriz e reproduzir-se-ia de forma fiel nessa filial, ficando o diferencial citado como marco e ou bandeira que dirá aos que chegarem: " Sou da linhagem X e o que era comum lá o é também aqui. O diferente diz respeito a mim (em quanto líder), pois, derivo daquela matriz, mas, não sou a matriz!"

 Valney Vianna

Uma relação 70 X 30, respectivamente, matriz e filial. Qualquer coisa fora dessa relação, para mim, já torna essa filial algo tirado da cartola, como citado acima, logo tal filiação, ainda a meu ver, tornar-se questionável, no tocante ao legítimo, valorizado e perseguido "pedigree"...

 Luiz L. Marins

Valney, esta conclusão vale também para a etnografia? Pergunto por que há um certo livro muito famoso e influente, que foi duramente criticado por Verger justamente por este motivo de ter tirado as coisas da "cartola".

 Valney Vianna

Qual livro?

 Valney Vianna

A questão etnográfica, nos mostra esta estrutura...principalmente no que refere-se as questões etno linguísticas...ao meu ver e, ainda hoje, as verdadeiras fronteiras naquele continente.

 Valney Vianna

PS: Todo o exposto é minha opinião, só para frisar!

 Robson Cruz

Os Nagô e a Morte?

 Valney Vianna Robson Cruz

Acredito q seja ... a maior crítica de Verger foi sobre este livro.

 Robson Cruz

Mas ela não tirou coisas da cartola. O que ela fez foi utilizar a etnografia de uma outra sociedade (os Ndembu) para introduzir a noção de "sangue tricolor" no Candomblé, atualmente convertida em dogma irrefutável e autoevidente.

 Valney Vianna

Rsrsrs ... foi o que entendi, a partir das críticas de Verger.

 Valney Vianna

"... introduzir a noção de "sangue tricolor" no Candomblé, atualmente convertida em dogma irrefutável e autoevidente."

 Valney Vianna

Esse é o perigo da (re) africanização do Candomblé.

 George Hora

O engraçado é a crítica de Verger, a seja lá que etnografia for, já que ele não é usado na academia (pelo menos não aqui) pela falta de rigor científico.

 Robson Cruz

Pelo menos os livros etnográficos não, mas os relativos à história sim. O "Fluxo e Refluxo" é ainda bastante recomendável, por exemplo.

 George Hora

Mas peca em "Fluxo e Refluxo..." quanto aos povos bantos, indispensável para entender além das rotas do comércio negreiro e posteriormente do tráfico bem como bases constitutivas para estabelecimento dos grupos étnicos sobre os quais a própria viria a estudar.

 Robson Cruz

Fluxo e Refluxo trata apenas do tráfico (e seu refluxo) após sua abolição oficial, e os documentos que ele pesquisou realmente mencionam muito pouco a África subequatorial.

 Rafael Galante

Os *docs* descobertos por ele ajudaram na formação da data base... Recomendo a todos!!! http://www.slavevoyages.org/tast/index.faces

 Valney Vianna

Pois é George Hora, de fato esse povo Bantu é sempre posto de lado...pq será?

 Luiz L. Marins

[respondendo a Valney conforme perguntado anteriormente]

Sim, os Nago e a Morte.

 George Hora

Graças aos o deuses os pesquisadores mais recentes têm corrigido "essa aberração" e valorando um sem número de grupos fundamentais para formação não apenas do candomblé mas das bases de nossa nação, alguns pesquisadores alegavam falta de documentação para essa busca, parece-me que a verdade não era bem essa.

 Valney Vianna

Publicada em oito volumes, a coleção História Geral da África em seu terceiro volume (período compreendido entre séculos VII ao XI) menciona em seu indicie "Os povos falantes de banto e a sua expansão"... bem antigo....

 Valney Vianna

Veja um trecho:

"A grande maioria das populações ocupantes da terça porção meridional do continente africano, da fronteira marítima nigero-cameruniana, no Oeste, até o litoral fronteiriço somálio -queniano, no Leste, e a partir deste ponto até as proximidades de Port -Elizabeth, no Sul, fala línguas estreitamente aparentadas, denominadas línguas bantas."

 Valney Vianna

Link para o compendio aqui: http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/single-view/news/general_history_of_africa_collection_in_portuguese-1/

 Luiz L. Marins

Neste caso George, suponho que o livro /Os Nagô e a Morte/ deva ter um alto rigor científico, pois é largamente utilizado. E se assim for, de acordo com este raciocínio, no meu entendimento, a crítica de Verger a este livro seria gratuita, ou não?

 George Hora

Difícil de mensurar haja vista que a relação das academias não é homogenia, **aqui em Salvador nenhuma das obras de Verger, e nem o "Os Nagô a Morte" tem essa**

receptividade toda nos meios acadêmicos, correm comentários, por exemplo, sobre não creditação dos informantes, uso de contatos privilegiados (envolvendo inclusive questões financeiras) para criar elementos de valoração específica, no entanto tudo é subjetivo se levando em consideração que nenhuma "critica" formal já tenha sido publicada, a leitura de Verger sobre a obra de Juanita, é exatamente a mesma que muitos fazem hoje as suas, mas é bom que lembremos que qualquer obra literária é passível de crítica quando novos dados vem à tona, ai da mesma forma como faço com os racialistas tenho uma certa parcimônia na hora de empunhar um dedo em riste, leio tudo, filtro o que me serve e esqueço do que já não tem mais nada a dizer nos dias atuais.

 Valney Vianna George Hora

O amigo pode nos elencar os critérios a serem considerados para a validação de uma obra da natureza das, aqui citadas, com o fim de termos algo de, no mínimo, bom senso em mãos (valor acadêmico)? [pergunta feita a George Hora].

 George Hora

Nos moldes atuais, quase todas as grandes etnografias tem sofrido críticas, *Dos Argonautas do Pacifico,* de Bronislaw Malinowski à obras mais recentes. As acusações vão desde a compra de posições, pensamento colonialista, racialismo, eurocentrismo, mas algo que vem pesando muito na análise de alguns é **o "tipo" de envolvimento entre o pesquisador e o "objeto" de sua pesquisa**, quando digo que algumas dessas obras tem sido revisitadas e seu valor

repensado não afirmo de maneira alguma que elas são inválidas ou que seus conteúdos dispensáveis, mas métodos, forma de coleta, creditação das fontes, tudo isso tem mudado.

Hoje temos pesquisadores dentro das comunidades antes pesquisadas, hoje o "nativo" tem sua própria voz e conta sua própria história, e **isso tem posto muita etnografia e literatura considerada histórica andando no fio da navalha,** hoje perguntamos como foi cômodo para Margarete Mead encontrar numa área geografia muito próxima 3 grupos distintos em comportamento para estabelecer suas teorias; se o que foi revelado a Marcel Griaule por Ogotemmeli, foi de fato a cosmogonia Dogon, ou apenas aquilo que ele queria ouvir. (Tudo muito mítico, pois um conselho decidiu que ele, um branco europeu, estava pronto para receber o conhecimento e ele passa 33 dias aprendendo as tradições daquele povo, isso lembra algo a vocês?)

Enfim, a antropologia, assim como a história tem sido revisitada e muito, os clássicos precisam ser estudados, lidos com olhar crítico mas respeitando o momento histórico (não confundir como já foi feito aqui anteriormente "respeitar" com "justificar") e de tudo sempre se há que tirar algo de valor, mesmo que seja aprender o que não fazer, não sei se posso te dizer o que válida uma obra no campo da antropologia nos dias de hoje, mas sei que a todo momento essas obras são questionadas, se são obras de cunho acadêmico e com o rigor mínimo que qualquer ciência, inclusive as humanas, precisam do manifesto de um porta-voz.

Cito muito Renato da Silveira com frequência pela riqueza na coleta de dados, respeitando a oralidade e os documentos oficiais, sem romantizar, critico, e com a humildade de dizer que

sua obra é inacabada já que tem momentos em que não se tem como afirmar mais nada diante dos fatos e ele conclama novos pesquisadores a pesquisar e quem sabe no futuro preencher as lacunas que ele considera ter em sua obra. Enrolei ou respondi sua pergunta Valney Vianna?

 Luiz L. Marins

"... *hoje o "nativo" tem sua própria voz e conta sua própria história*" [George Hora] .

A este "nativo" que é geralmente iniciado, eu chamo de ACADAFRO, o afro religioso acadêmico. Este personagem circula livremente nas duas esferas, acadêmica e religiosa, falando inversamente entre um e outro, praticamente sem nenhuma análise mais profunda de sua produção científica (?).

A academia não possui o conhecimento iniciático para analisar com rigor suas teses, e seus pares religiosos não possuem acesso às fontes acadêmicas por ele utilizadas.

Concluindo, ele influencia diretamente o agente religioso, pois "dita" conceitos livremente, tal como aconteceu com o Exu Bara do Corpo, que não existe na Noção de Pessoa Ioruba, mas que se tornou fundamento dos candomblés modernos.

 Valney Vianna

Antropologia iniciativa (?)... rsrs.

 George Hora

Não é bem assim meu caro colega, eu sou um praticante de culto afro-brasileiro, mas na universidade entre meus pares sou acadêmico, olho com criticidade o que se produz sim, e à luz da ciência, não vou para a faculdade tocar candomblé, como não canto teses no ritual.

Não posso falar por outras escolas, mas onde estudo os professores atentam para a armadilha do olhar viciado. Por exemplo, eu não me acho na obrigação de produzir nada relacionado a meu culto, não quero, não pretendo e não foi para isso que entrei na universidade.

Quando surgem dúvidas onde minha condição religiosa me permite mais acesso abro o debate com colegas e professores e discutimos até o limite da razão, pois **onde entra FÉ não cabe analise alguma de racionalidade**, acho que nem tudo que reluz é ouro, mas nivelar tudo por baixo também não é salutar.

 George Hora

P.S. Não me enquadro na forma de classificação que você criou.

 Valney Vianna

Os títulos (expressões) são coisas perigosas que rotulam e, nos deixa descrédito à espreita...atenção!

 Luiz L. Marins

Sim George, claro, não refiro-me a nenhum dos interlocutores aqui postados. Nem tampouco é minha intenção nivelar por baixo, isto seria uma falta de respeito com os colegas ... Entretanto, apesar da expressão que usei [por minha conta e risco], há estudos nesta direção, como este de Vagner Gonçalves da Silva:

> *"... Na verdade, o pressuposto de uma certa participação também "religiosa" do pesquisador na vida do grupo estudado já se apresentava de forma latente desde a obra de Nina Rodrigues até a de seus seguidores, muitos dos quais ocupando cargos religiosos nos terreiros, como Arthur Ramos, Edison Carneiro etc." Em Bastide, essa participação resultou de sua identificação pessoal, do desejo de nascer de novo (através da iniciação) no âmago de uma civilização diferente da sua". (PEREIRA DE QUEIROZ, 1983:20).*
>
> *"De qualquer forma, a participação do pesquisador enquanto religioso sempre foi tida como um ponto de controvérsia e vista muitas vezes, como contingência inevitável do envolvimento do cientista com seus informantes. Mas é somente a partir do texto de* Os Nagôs *que essa participação tornar-se-á fonte para a legitimação das etnografias construídas a partir da visão diferenciada "desde dentro" que somente, ou principalmente, os etnógrafos iniciados detêm, e que portanto podem falar de maneira autorizada e com autoridade."*

http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2011/11/critica_antropologica.pdf)

 Robson Cruz

Essa perspectiva de "antropologia iniciática" é pra lá de controvertida por alguns motivos:

1) a dificuldade de desnaturalizar e de se colocar sob uma perspectiva crítica;

2) a tentação de se colocar a serviço da legitimação social do objeto investigado (usualmente um centro em detrimento de outros), ao mesmo tempo que o centro legitimado nomeia o investigador como "legítimo", em detrimento dos demais;

3) o investigador se coloca como "teólogo autorizado", sendo invocado para fornecer "selos de qualidade" a quem acompanhar o modelo litúrgico de sua preferência. Enfim, as possibilidades de cair em um total ridículo estão sempre no ar.

 George Hora

O risco é perene a qualquer cientista até diante do fato de debruça-se sobre qualquer objeto de estudo, a questão é cabe ao acadêmico e ai de fato a escola tem peso na formação tentar a tudo custo manter-se dentro dos padrões esperados para que sua obra seja considerada científica.

No caso de muitos dos nomes citados é sabido hoje que os "títulos" de ogan eram meramente uma medida para construir uma barreira pública, como fica claro no caso de Nina que tentava impedir as ações policiais nas comunidades.

Penso que, seguindo o que está previsto no estatuto da ABA, nós não podemos produzir documentos que sirvam contra os grupos estudados, mas um bom cientista sempre terá que ter seu campo e obra em foco.

 Robson Cruz

Tudo bem que não sirvam contra, mas daí para calcificar categorias ou entronizar grupos como "superiores" em relação a outros, como ocorreu com as casas "tradicionais" Jêje-Nagô ou, mais especificamente, ao Axé Opô Afonjá.

Acho louvável, por exemplo, a atitude de Jim Wafer, que veio pesquisar gênero e sexualidade no Candomblé e passou longe destes lugares.

Lorand Matory, que quis se iniciar no Candomblé, também escolheu não ser mais uma estátua a decorar o jardim do Opô Afonjá.

Quando me vi uma vez sem casa de santo, vários amigos meus me sugeriram me afiliar a uma dessas casas, mas preferi uma casa "emergente", onde sou considerado simplesmente como filho de santo, e sou feliz assim, pois o que quero é uma religião que me acolha pelo que sou dentro dela, e não me entronize pelo que sou fora dela.



 George Hora

Acho que, quando disse mais acima que porta-vozes não são mais bem-vistos, acredito ter deixado claro que **os extremos nas ciências humanas não são mais bem-vindos**, nem aquele que acha que tem que ser parte e muito menos o se acha imune a ação do outro.

 Robson Cruz

A briga de galos do Geertz demonstrou isso muito bem para nós.

 Valney Vianna

Pois é, então... rsrs. E eu que pensava que já tinha lido muito....

______________________________ // ______________________________

Adaptação: Luiz L. Marins



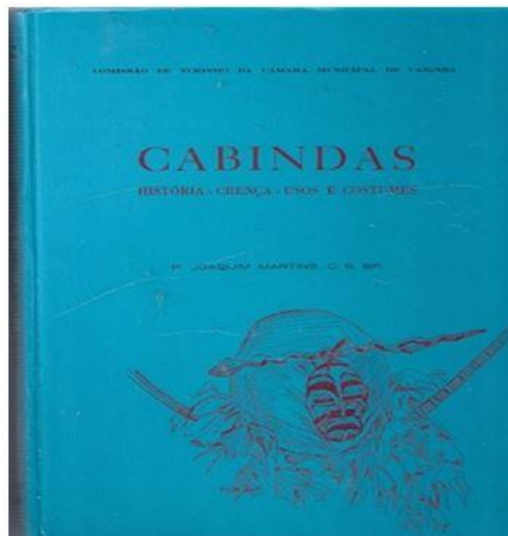
Quando um sacerdote escreve sem dar fontes, supõe-se que as informações façam parte de sua família religiosa. [Luiz L. Marins]

www.olorun.com.br

CABINDAS

HISTORIA - CRENÇAS - USOS E COSTUMES

P. JOAQUIM MARTINS, C. S. SP.
(Historiador Laureado de Cabinda)



CAPÍTULO IV

OS HABITANTES DO PAÍS DE CABINDA

Vários dados deste capítulo foram possíveis com a ajuda mútua e intercâmbio entre - o autor e o P. J. Troesch, no Missão Cat. do Lukula-Zenze em 1945/46.

Mas que povos, clãs, habitam hoje o atual País de Cabinda?

Já no nosso trabalho «Sabedoria Cabinda» dissemos que os povos do País de Cabinda (abrangendo todo o País) eram povos bantos da tribo Bakongo, do Reino do Congo.



Mas a tribo Bakongo tem vários clãs. E, em Cabinda, encontramos os seguintes: Bauoio, Bakongo, Balinge, Baluango, Basundi, Baiombe, Bavili e um mui pequeno clã, praticamente desaparecido e do qual hoje

pouco ou nada se fala, o Bakoki, que vivia ao longo da costa marítima, dado à pesca, começando junto à foz do Lulondo, no Buku-Mazi, até quase à lagoa da Massábi.

POVOS BANTOS VINDOS DE ONDE?

Ralph Delgado escreve:

«Aos próprios filhos assistidos pelo grande Nganga-Ngoio enviou-os, através do Zaire, e foram eles os fundadores dos «Reinos» de Kakongo e Luango, Um terceiro filho, nascido de uma escrava branca, supõe-se ter sido o antepassado dos Condes de Sonyo ou Soyo. "Primitivamente o Rei de Kakongo, antes de subir ao trono, era obrigado a desposar uma princesa de sangue real do Congo, ao passo que o Rei do Luango devia casar com uma princesa de Kakongo.»



Em A. FeIner, podemos ler: «Chegamos ao Zaire e encontramos os Congueses estabelecidos na margem esquerda e para sul. Era um povo migratório. Tinham vindo do interior, depois de desavenças de família, ou pela necessidade de expansão.

Encontraram, talvez, algumas famílias de ambundos que, após pequena resistência fugiram dos invasores, indo para o sul e interior, juntarem-se aos seus.

«Ao mesmo tempo outros seus parentes se estabeleceram no Goio e Luango, para o norte". Quando chegamos, o seu domínio não estava absolutamente consolidado e, o seu Reino, não tinha verdadeira unidade. De princípio, ajudamo-lo nas guerras contra Zenga e Mazinga, ou contra os Anzicos, depois contra os Panzelungos...» (A. A. Felner, op. cit., pág. 83.)



Os Anzicos e Panzelungos (ou Panzelumbos ou Panzualumbos, como outros escrevem) viviam a norte, na margem direita do Zaire. Os Anzicos, no interior. Panzelungos, junto ao mar. E seriam estes, os Panzelungos, que cederam lugar aos «outros seus parentes (do Rei do Congo)» para se estabelecerem no Ngoio, Kakongo e Loango.

A primeira referência a Anzicos e Anzicana pode ver-se no Esmeraldo de Situs Orbis, de Duarte Pacheco Pereira: «Item, adiante de esta terra de Conguo, à parte do nordeste he sabido outra província a que chamam Anzica e ho Senhor ha nome aguora em nossos dias em Cuqua Anzico.

Estes são negros como os do Conguo e som ferrados na testa ou fronte em rroda à maneira de caracol ...»

(In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* - Lisboa, Rio de Janeiro - 4.0 Vol. na palavra de Anzica ou Anzicana.)

Neste descrever de testas ou frontes «ferradas» não podemos ver referência a outra coisa que não seja a tatuagem desses povos e que teriam deixado bastos traços seguidos mais tarde pelos Basundi e Baiombe, clãs mais no interior e a terem possível contacto mais directo com os ditos Anzicos.

Quanto a Panzelungos podemos ler no artigo de M. Fidalgo - em «Trabalho» - No 20 Boletim do Instituto do Trabalho:

«O conhecido e célebre Reino do Congo teve como partes integrantes e mais tarde só tributárias os Reinos de N'Goio, Cacongo e Loango, que, no entanto, na Corte Portuguesa eram conhecidos pela designação genérica de Cabinda, estendendo-se do Rio Quilo ao Zaire, se adicionarmos a sul do N'Goio o Reino de Benda ou M'panzu-Lumbu.»



Junto ao mar estaria, sim, o dito Reino de Panzelungo mas que, com a emigração das gentes do Congo teria cedido o lugar aos que formaram o Reino do Ngoio. O antigo Reino do Ngoio vinha até ao Zaire estendendo-se pela sua margem direita até, pelo menos, à actual cidade de Boma, da República do Zaire.

Quais os limites dos antigos Reinos de Kakongo e Ngoio, que ainda hoje ocupam a maior parte do actual País de Cabinda?

O Reino de Kakongo, tendo o mar como fronteira poente, ia da margem esquerda do rio Loango-Luizi até à margem direita do rio Lulondo, no actual Buku-Mazi.

O Lulondo, outrora, chamar-se-ia também Mbele, tomando este nome de um recife que se encontrava quase em frente da sua foz e que por ter certa configuração com uma faca (Mbele) esse nome lhe deram.

Para o interior, o Reino de Kakongo estendia-se quase até terras do Maiombe e flectia para sul quase até Boma. O Kalamo, pequeno riacho junto a Boma, faria de fronteira com o Reino de Ngoio.

O REINO DE NGOIO

Com o mar a poente, era limitado, a norte, pelo Lulondo (também limite de Kakongo) ao sul, pelo Zaire e estendendo-se para o interior até ao Kalamo, junto a Boma, sendo esta terra ainda pertença do antigo Reino.

As terras do nosso actual Kakongo e Ngoio foram delimitadas, depois da Conferência de Berlim - 1885 - por acordo internacional entre o Estado Independente do Congo, actual República do Zaire, e o nosso Governa, ficando a haver no território da República do Zaire também gente do clã Bakongo e Bauoio, ainda que as suas sedes hajam permanecido do nosso lado.

Note-se, porém, que, para assuntos do clã, a fronteira geográfica demarcada pelos europeus pouco ou nada lhes interessa.

Não nos ficam dúvidas, baseados em dados certos da história, de que as gentes do Congo, parentes e descendentes do Rei do Congo, vieram ocupar, em tempos remotos, as actuais terras do País de Cabinda.

Esta história é fortemente confirmada pela tradição contínua desta gente. A originalidade, sabor e beleza dessa tradição mais valor dará a este trabalho.

Está na mente de toda a gente destas terras a origem, em sangue e costumes, que a liga aos de Mbanza kongo (hoje S. Salvador do Congo).

Mbanza Kongo tornou-se, depois de Diogo Cão e da ida dos missionários, que levaram os primeiros e verdadeiros sinos para aquelas terras, em kongo Lingunga - Congo dos Sinos.

Aponta-se o nome de Nzinga-Nkuvu como sendo o Rei do Congo na altura da chegada de Diogo Cão e que veio a ser baptizado em 1491, recebendo o nome de João. Ficou a ser o D. João I do Congo.

Parece estar fora de discussão que se deu uma emigração dos povos de Mbanza Kongo. Também não restam dúvidas de que essa emigração se deu antes, mesmo muito antes, da chegada de Diogo Cão.

As lutas de que se fala e a ajuda que demos com os homens de Rui de Sousa contra Anzicos e Panzelungos era, certamente, para afastar tentativas de nova ocupação desses povos e para consolidação das conquistas feitas pelos Bakongo.

Na verdade, se essa emigração tivesse tido lugar depois de Diogo Cão ou Rui de Sousa, os nossos relatórios e crónicas não deixariam de mencionar o facto.

A tradição afirma terem sido nove - 9 - os sobrinhos ou familiares do Rei do Congo a deixarem a sede. «On ne sort guère des 9 tribus de Bakongo venus du simu Kongo il y a des siècles (avant Diogo Cão)». Assim me escrevia, textualmente, o P. Bittremieux, e acrescentava: «En réalité ils sont tous frères, ou cousins.»

Teriam deixado Mbanza kongo todos ao mesmo tempo? Teriam saído à medida que a gente aumentava e a terra se tornava pequena? Expulsos? Seria por ânsia de mando, desejo de aventuras?

Nada de concreto parece existir a este respeito. Muito pouco ou nada se encontra sobre povos que viveriam nas terras, agora dos Bakongo e Bauoio, e se houve grandes e repetidas lutas com os que nelas habitavam.

Certa parece ser a emigração. E o estudo destes povos vem comprovar a tradição de que teriam sido nove sobrinhos do Rei, do Congo a deixar Mbanza Kongo. Estes nove sobrinhos deram origem aos nove clãs descendentes do Rei do Congo. A tradição ainda acrescenta que estes eram filhos de Vua Li Mabene - a de nove seios.

E a imaginação dos naturais chega a tomar à letra o Vua li Mabene: que, na verdade, teria havido uma mulher com nove mamas, mãe dos sobrinhos do Rei do Congo que se dispersaram pelas actuais terras que se chamam dos Bakongo. Vua Li Mabene teria sido, antes, a mulher, a mãe (Nguli) da qual descendem os nove clãs.

Encontraremos, no decorrer desta obra, o número nove com certa frequência. É o número dos descendentes de Vua Li Mabene. O número - 9 - tornou-se sagrado para estes povos.

Os sobrinhos do Rei do Congo teriam atravessado o rio Zaire (Nzadi) perto de Matadi (o Matari dos antigos). Quais são os nomes desses nove sobrinhos ou nove descendentes do Rei do Congo? Concordam todos em que são nove. Diferem nos nomes. Mas, atendendo à facilidade com que o indígena destes clãs muda de nome em certas circunstâncias - e para isso teremos

um capítulo - podemos perfeitamente admitir a diversidade de nomes e diferenças nas listas desses descendentes de Vua li Mabene. Os nomes que vão seguir-se correm na tradição.

O P. Bittremieux dá-nos a lista seguinte:

Ntinu Makaba (o que repartiu as terras)

Phudi Nzinga

Makhuku i Ntínu

Manianga Makongo

Numbu Nzinga

Ngímbi i Khota

Nanga Nakongo

Mboma Nakongo

Mbenza Nakongo



Lista de Mgr. J. Cuvelier:

Ndumbu a Nzinga

Manianga

Nanga

Mankunku

Ngimbi

Mbenza

Mpudi a Nzinga

Mboma Ndongo

Makaba



Nas listas recolhidas pelo P. José Troesch e estudadas por nós, pedindo ou procurando a confirmação entre os naturais, vamos até três listas.

1.a LISTA	2.a LISTA
Nlaza Kongo - Makaba	Laza Kongo - Makaba
Mbenza Nakongo	Mbenza Nakongo
Nanga Nakongo	Nanga Nakongo
Gimbi Nakongo	Tsuku Kongo
Kongo Limboma (Sundi?)	Khazi Nakongo
Manhanga Nakongo	Madungo Nakongo
Mabinda Nakongo	Manianga Nakongo
Tuku Nakongo	Fumu Kikongo
Makuku Ntinu (Luango)	Phudi Nakongo



Uma terceira lista, a mais admitida:

Nlaza Kongo - Makaba

Mbenza Kongo

Maianga Nakongo

Nanga Nakongo

Ngimbi Kongo

Kongo Limboma

Pudi Kongo

Makuku Ntinu

Mbínda Kongo

Se com fundamento verdadeiramente histórico pouco ou nada temos a respeito das causas da emigração de Mbanza Kongo, vamos buscar à tradição dos indígenas algumas interessantes versões dessa mesma emigração.

Uma versão, apresentada pelo P. Troesch

O Rei do Congo habitava uma terra muito longe, da outra banda do Zaire. A administração do Reino não lhe tomava todo o tempo. Tinha até tempo bastante para se divertir. E gostava imenso de esvaziar cabaças de vinho de palma.

Ora, um dia, já bêbado, mandou o seu escravo buscar mais vinho.

Achou o Rei que este vinho, agora trazido, tinha um gosto particular. Talvez já estivesse muito fermentado. Acusou por isso o escravo de ter tentado envenená-lo e mandou-o degolar imediatamente. Depois, não querendo ficar mais tempo naquela terra, juntou toda a sua gente e pôs-se em marcha.

Uma segunda versão, esta, muito espalhada em terras de Kakongo e tirada de manuscritos dos naturais, inclusive dos que se encontravam na posse do Kapita de Kaio-Kaliado.

É como segue:

Makongo era o sobrinho mais velho do Rei do Congo. Com os seus oito irmãos vivia em companhia de seu soberano tio em Mbanza Kongo.

O Rei tinha um escravo chamado Lenchá a quem tinha grande afeição por ter sido este escravo o primeiro a extrair o vinho de palma e o azeite do dendém.

As «muambas» e o vinho de palma faziam as delícias de sua alteza. Por isso estimava, a mais não poder ser, o seu bom e habilidoso escravo Lenchá. Este, um dia, querendo levar mais longe as suas experiências na extracção do vinho de palma, deixou-o fermentar uns três dias. E, assim fermentado, levou-o ao Rei que, achando-o magnífico, mas não sabendo a força do vinho (faz lembrar o pai Noé), bebeu como de costume.

Resultado? Sua alteza apanhou uma valente - a primeira! - bebedeira.

Makongo e os irmãos que «não sabiam a vida de beber» (síc) ao entrarem na casa do tio, vendo-o naquele estado, julgaram-no em vias de morrer. As mulheres do Rei disseram-lhes ter sido o Lenchá quem havia dado vinho ao rei e que este, depois de o beber, havia ficado assim («que foi o escravo do Rei mesmo que deu com ele vinho de palma é que está a fazer com ele assím»). Lenchá envenenou o Rei, pensaram eles. «Mas, antes que nosso tio morra, morrerá ele primeiro.»

«Então os Sobrinhos do Rei do Congo azangou e levou este escravo do Príncipe do Rei do Congo para longe do pianista e queimou este escravo» (sic).

Levaram-no, ao Lenchá, para uma planície e aí o queimaram vivo.

Feita a obra, voltaram para junto do tio a fim de assistir ao seu último suspiro que, julgavam, não viria longe.

Passados tempos, o tio suspirou de verdade! Era o fim da bebedeira. Estranhou a presença de toda aquela gente. Mas a primeira coisa que fez foi perguntar por seu querido escravo Lenchá.

Contaram-lhe o sucedido.

Desgraçados, que fizestes? «Malditos vos todos que matou meu servo vos todos morra de mártir e queimo-vos no fogo porque me mataste o meu bom servo que me mostrou dêndes e vinho de palma» (sic).

O castigo do Rei era queimar os sobrinhos como eles haviam queimado o seu servo Lenchá. E nada houve que apaziguasse o Rei. Para escaparem da cólera e vingança do tio, Makongo e seus irmãos trataram de sair de Mbanza Kongo atravessando o rio Zaire.



Esta versão é, sem dúvida, muito original mas, não deixa de se coadunar com a psicologia e mentalidade desta gente.

Se, ainda hoje, o roubo de uma garrafa de vinho de palma, e já não há monopólio nem segredos no seu fabrico, dá origem a grandes questões e grandes multas, como é que o Rei do Congo, déspota como foi toda a autoridade gentílica, o único a beber vinho de palma, tendo um só escravo que o sabia fazer, como não deveria ele ter ficado ao ver-se sem vinho e sem o seu fiel Lenchá?

E a tradição, na ânsia de distribuir os sobrinhos do Rei do Congo pelas terras fora, continua... Makongo, pois, com seus irmãos, fugiu. Como era o mais velho, foi distribuindo as terras pelos outros. Atravessaram o Zaire (Nzadi) em Nsanda-Nzondo.



Ele, Makongo, veio fundar a sua aldeia - buala - em Kiengele (outros dizem Kingele), planície existente a sul do rio Lukula junto à fronteira Leste do País de Cabinda com a actual República do Zaire. Na segunda metade do Séc. XIX a sede mudou-se de Kiengele para Kaio-Kaliado, na área do Posto Administrativo do Tando-Zinze.

Segundo a mesma tradição, veio com o Makongo uma sua irmã de nome Mangoio. Insistiu ela com Makongo para que a deixasse ir viver para junto do mar. Makongo, depois de muito instado, permitiu.

Deu-lhe gente e escravos. Entregou-lhe também um Nkisi protector metido num cesto (Ntende). Ao fazer-lhe a entrega do feitiço recomendou-lhe: «Torna este nkisi para que guarde a tua terra, livra-te, porém, de o colocares no chão.»

Partiu Mangoio e a sua gente em direcção ao mar. A viagem era longa para ser feita de uma só estirada. Acamparam, pois, ao anoitecer, junto de um pequeno bosque.

Ao levantarem-se no dia seguinte para continuar a viagem, reparam que lhes é impossível arrancar do chão o Ntende com o Nkisi. Enviaram um homem a Makongo a contar o que havia sucedido. Veio ele, o Makongo, e fez reparos severos a sua irmã Mangoio:

«Não te disse que não devias deixar que colocassem o cesto no chão?"

"Agora este cesto ficará cá para sinal e este bosque chamar-se-á Nto Ntende (o bosque do cesto). Aqui será também o limite de nossas terras e será neste limite que teremos os nossos encontros para tratarmos dos assuntos de nossos reinos. Jamais virás a Kiengele e eu nunca passarei daqui para ir ao 'mar.»

Nota - Ainda hoje se conhece «Nto-Ntende» junto ao rio Lulondo, na estrada de Cabinda a Tando-Zinze. É este rio que vai desaguar junto ao Buku-Mázi e faz a divisão entre as terras de Cacongo e de Ngoio.

Da boca dos negros se houve ainda dizer que antigamente o Makongo não podia ir até ao mar e que, de facto, nunca ia.

Neste Nto-Ntende e nesta divisão de terras de Cacongo e de Ngoio não podemos deixar de ver a tradição ligada a certos factos.

A VERSÃO APRESENTADA EM «NÓS, OS CABINDAS».

(D. José Domingues Franque, «Nós, Os Cabindas», págs. 15 a 19.)

A Princesa Mue Puenha, de S. Salvador (Mbanza Kongo) teve relações ilícitas das quais nasceram três filhos gémeos.

Essa ilegalidade teria sido por ter praticado essas relações antes de passar pelas cerimónias da puberdade. Os conselheiros do Rei pediram a expulsão da princesa, a que ele teve de atender ainda que contrafeito, tanto mais que se deu uma grande escassez de chuvas atribuída à falta cometida pela princesa.

Mue Puenha deixou S. Salvador com algumas pessoas de família em direcção ao litoral, para Sonho (S.to António do Zaire).

Foi sempre mal recebida e até perseguida. Mue Puenha, 15 anos depois, após muitas peripécias, trabalhos e até milagres (o da travessia do Zaire) chegou ao Reino de Ngoio onde por todos foi bem recebida, especialmente por Mibimbi Pukuta, que era rico e nobre.

Dos seus três gémeos, um era rapaz, Tumba, e duas eram raparigas, Lilo e Silo. Mue Puenha veio a casar com Mibimbi Pukuta. Deles nasceu Mue Panzo e mais tarde outro filho que tomou o nome de Mue Pukuta.

O Rei do Congo, sabendo que sua filha Mue Puenha havia casado, ouvido o parecer de seu conselho, resolveu desanexar os pequenos Reinos de Ngoio, Cacongo e Loango. Deu ordem a Mue Puenha para tomar conta dos três Reinos.

Mue Puenha entregou Cacongo a sua filha Silo e Tumba foi para o Loango-Grande. Mue Panzo, filho de Mue Puenha e de Mibimbi Pukuta, ficou como Rei de Ngoio.

A versão dos Basolongo fornecida pelo P. Marchal, da Missão de Santo António do Zaire. O Rei do Congo tinha um sobrinho de nome Nenzinga Nakongo a quem dedicava uma afeição muito especial e uma confiança ilimitada.

Tal era a confiança que o Rei nele depositava que, um dia, o deixou só com uma de suas mulheres, de nome Nkato, - que se encontrava grávida e já muito perto de dar à luz. Nenzinga Nakongo, querendo saber qual a posição da criança no ventre materno, abriu Nkato de alto a baixo. Vamos lembrar que entre os Bakongo se afirma o mesmo do Kapita Muempolo em um manuscrito, cuja cópia possuímos.

Diz esse manuscrito, falando do Kapita Muempolo: «Depois de ser altura da sua idade se a leviu uma viço mal quando ver a mulher que está engravide matava para ver como se informa a criança na bariga, Vendo um homem na palmeira dava tiru para ver se como-se caia um homem na palmeira»...

Mas voltemos a Nenzinga.

O crime que cometera bradava aos céus. A família de Nkato pede a morte de Nenzinga e não recua perante nada. Em face da insistência dessa gente nem o amor que lhe dedicava o tio podia valer a Nenzinga. É condenado à morte.

Valeu-lhe, de acordo com uns amigos fiéis, um embuste igual ao do que se serviram os irmãos de José (da Escritura) para enganarem o pai Jacob. O sangue de um cordeiro substituiu o de Nenzinga.

Mas, como entre eles não há segredos, tudo se veio, a saber. Nenzinga, com seus amigos e cúmplices, fugiu. Pelo caminho os seus companheiros, pouco a pouco, foram dispersando. Nenzinga foi estabelecer-se no Songo (Sonho ou Soio), onde já havia estado, e dele descendem os Basolongo.

Mgr. J. Cuvelier na sua obra «L'Ancien Royaume de Congo» apresenta-nos a versão e tradição que segue: (J. Cuvelier, «L'ancien Royaume de Congo», Desclée de Brouwer, L'édition Universelle, Bruxelles, 1946, pp. 13/14).

Era Ntinu Wene, o primeiro Rei, quem governava aquelas terras de Mbanza Kongo. Tinha feito muitas conquistas. Tendo, por fim, submetido Mbumbulu, Chefe de Mpangala, foi fixar-se em Mbanza Kongo.

Distribuiu, então, os seus territórios pelos seus capitães dando a cada um uma província pelo tempo que a ele, Ntinu Wene, muito bem conviesse.

O lugar onde se fez a distribuição ficou a chamar-se, já que era um morro, «Mongo ua kaba» monte da divisão, da distribuição.

Antes dessa distribuição cantaram e dançaram uma dança de triunfo, umas vezes todos, outras dois a dois, outras um de cada vez.

O Rei sentia-se alegre. Entra em casa e aparece, então, com as insígnias de sua realeza: o cutelo (kimpaba) a «nsesa» ou cauda de pacaça. Disse-lhes: «Dançai dois a dois". Voltai novamente a dançar para mim essa vossa dança triunfal porque quero abençoar-vos.

"Esta benção será honrada em toda a parte onde Reinardes, vás e vossos sucessores, até aos confins da terra de nosso domínio"

Depois da dança ajoelharam junto do Rei. Recebendo estas homenagens, o Rei movia o dedo mindinho da mão direita e dizia: «Crescei, engrandecei, vivei longo tempo, vinde a ser muito velhos.»

Numa segunda festa a Rei concedeu-lhes a participação de seu poder. Voltaram os eleitos a dançar e cada um por sua vez cantou e disse:

1. - Ndumbu a Nzinga

«Eu sou Ndumbu a Nzinga, planta trepadeira que se enrola em espiral. O meu enlaçamento prende todo o país.»

2. - Manianga

«Eu sou Manianga, aquele que está sentado. Eu sento-me na cadeira e no tapete. Eu dei nascimento aos Mvemba, dei nascimento aos Nlaza. Enviai-me, portanto. Para que região?»

3. - Nanga

«Nanga é coxo, mas vai até muito longe. As pedras de sua lareira são cabeças de homens. A sua colher (de tirar a comida) é uma costela de um grande peixe. Enviai-me, pois. Para qual país?»

4. - Mankunku

«Eu, eu sou o Chefe Mankunku, aquele que derruba. Eu acometi os ndembo, os tambores dos poderosos. Que não venham perturbar-me nem com o tímbalo «ngongie» nem com o tambor "ngoma". Enviai-me.»

5. - Ngimbi

«Eu sou Ngimbi, aquele que faz crescer abundantemente. As «madiadia» ou falsas canas de açúcar que cortam de manhã, ao meio dia novamente balouçam ao sol. Enviai-me, pois. Onde?

6. - Mbenza

«Mbenza sou eu, aquele que racha (que corta, fende). Não corto as cabeças de ratos, mas corto as cabeças dos homens.»

7. - Mpudi a Nzinga

«Eu sou Mpudi a Nzinga, um grande peixe, mas também um milhafre que, apesar das chamas, caça por cima do capim em fogo.»

8. - Mboma Ndongo

«Eu sou Mboma Ndongo, a serpente boa (jibóia) que deixa rastos de sua passagem. Rasteja por todo o Congo, pelo Loango. Mãe que faz bem a todos os outros clãs. Enviai-me, pois.»

9. - Makaba

«Eu sou Makaba, aquele que reparte as terras, mas as leis dessas terras ficam em minhas mãos, em meu poder. Enviai-me.»

Quanto tempo teria levado a peregrinação e dispersão dos descendentes do Rei do Congo? Ninguém poderá dizer o tempo que levou esta peregrinação até à fixação completa, conforme a encontramos e que, como já dissemos, deve ter-se dado antes da nossa descoberta do Congo.

Os homens ter-se-iam dedicado à caça e as mulheres a roçar e cultivar alguns campos, quando a demora era mais longa. E, corno é natural, iam aumentando em número. Foi na planície de Nsanda Nzondo, diz a tradição, que se resolveram à separação.





Na tradição encontramos unanimidade na afirmação de que era MALAZI (também tem o nome de Nlaza Kongo, ou Makongo) o primogénito e o que teria deitado as sortes para a divisão das terras. Daqui o chamarem-lhe, também, MAKABA (de Kukaba - repartir, dividir). E encontramos, pelo menos, duas versões a respeito desta divisão. Vua Li Mabene, antes da dispersão dos filhos, quiz provar-lhes qual de entre eles era o mais digno e a quem deveriam obediência.

Preparou para isso um grande prato de «Mbala makamba» ou «Kuanzi makamba» (uma espécie de batata amarga).

Depois, colocando de parte o seu filho predilecto - MALAZI - disse ao segundo, Mbenza, para repartir a comida, em partes iguais, por cada um de seus irmãos. Mabenza não o conseguiu.

Vua Li Mabene chamou depois o terceiro. Nem este. Todos os outros, um por um, foram chamados ao mesmo. Nenhum deles conseguiu repartir a contento de todos e em partes iguais a comida preparada pela Mãe. Esta chamou, então, o mais velho, Malazi. E Malazi consegue dividir a comida a contento de todos.

Segunda versão.

Maluango, Manhanga, Makaba, Mabenza saíram juntos de Nsanda Nzondo. Juntos seguiram até ao rio Nzadi (Zaire).

Ali, o filho de Mabenza, Mpuli Nzinga Mambaka, matou um elefante. Houve discussão entre Maluango e Mabenza porque, tanto um como outro, se julgava com direito à melhor parte.

MAKABA dirimiu a questão dando a Maluango a mão direita, da frente, tida por ser a mais digna, e a esquerda a Mabenza.

Por isso, MALAZI, - assumindo o nome de MAKABA por ter sabido dividir bem, dizia de si mesmo e tomou como divisa de honra o seguinte :

Minu ieka Makaba,
Makaba nza i mbungi,

Mpungi nzau,
Ke landila makokila,
Mbele usimba koko ku lunkiento,
Ke iakila ku lubakala,
Buna landa Makaba
Buna ke ienda
Buna lele mu nzila.
Eu tornei-me Makaba -o que divide
Dividi o mundo e o nevoeiro,
As defesas do elefante,
Levanto-me ao cantar do galo,
Segurei a faca com a mão esquerda
E passei-a para a direita,
Para seguir Makaba
Para onde quer que vá
Terá que dormir no caminho.

E esta «divisa de honra» leva-nos a tratar e a estudar o que estes clãs chamam MVILA (pl. ZIMVILA).

Mvila (pl. Zimvila) é traduzido, em "Malongi Mat'ete Ma Kifaranse» de Fr. Mertens, por Tribo.

O P. Bittrermieux, sobre MVILA, diz o seguinte: (P. Leo Bittremieux, La Société Sécrète des Bakimba au Mayombe».)

«Le mot mvila (pl.zimvila) a diverses significations. Le sens fondamental me parait être celui de «species», comme ont dit l'èspece humaine, «species Jacob», Ia descendance de Jacob, sens restreint ensuite:

1. - Aux clans famíliaux, spécialement aux -neuf familles ancestrales des Bakongo mayombiens, dont nous avons déjà parlé;

2. - Aux genres ou groupes, ainsi qu'aux formules sacrées et aux adjurations propres à tel groupe, tel fétiche, telle cérémonie. Dans un sens plus général, mais qui vient moins à propos dans le sujet qui nous occupe, on entend parfois mvila pour: manière d'être ou de faire, variété.»

Na verdade, só temos encontrado o termo MVILA no sentido de descendência e, especialmente, no de divisa, como que escudo de armas da família, pelo qual se diferenciam umas das outras.

Portanto, empregamos aqui o termo MVILA como título de honra, nobiliárquico, divisa de família, de cada uma das famílias - mas só de algumas as conseguimos descendentes do Rei do Congo.



A divisa (MVILA) de MAKONGO (do próprio Rei ao Congo)

«Minu Kongo Lingunga,
Li me kongila zimvila zionso,
Kuienda kuanda Kongo, liambu ve,
Kuienda kumongo Kongo, liambu vê,
Minu veka impuili.»

Sou Kongo Lingunga, eu junto às famílias todas,
Indo para o baixo-Congo, não há questão (ninguém me impede),
Indo para o alto-Congo, não há questão (também),
Sou eu quem o quer, quem manda nessas terras todas.»



Já fizemos notar que o Rei do Congo (e seu Reino) se começou a chamar Kongo Lingunga depois que os nossos - missionários levaram os primeiros sinos. Mas também não era absolutamente necessário haver sinos para convocar as gentes. Faziam-no, e ainda hoje o fazem, através do tantã, de tambores, do tímbalo «ngongie», etc., etc.

A divisa (MVILA) de Makaba:

Apresentamos urna mvila de Makaba quando, há pouco, falamos da segunda versão a respeito da emigração e peregrinação das gentes de Mbanza Kongo. Por ter sabido dividir a contento de seus irmãos o prato das batatas e o elefante, mudou o seu nome de Malazi ou Nlaza Kongo para o de Makaba - aquele que divide. Foi ele, dizem, que também dividiu as terras pelos outros seus irmãos. Ninguém lhe regateia poder e mando absoluto. E, então, afirma de si mesmo:

«Benu lumona mpunzu mu nlangu,
Buna minu nsabukuizi,
Vana kandama mu buatu,

Kuiza tumisia mvika mueka,
Kuiza lambalela vana nlondo,
Kuiza nangika ku kulu,
Kuiza banda sabala mu ntima,
Vangioko kuiza kandama mu buatu
Buna ke banda sabala mu ntima,
Menga kuiza ienda mu mazi,
Bau basiala kumbusa,
Buna bumona menga,
Babu bazaba m'au,
Nfumu itu Ntinu Makaba sabukuizi,
Vana ke sensa vana lilondo likiongo,
Kuiza lambalika mvika mueka,
Kuiza banda sabala mu ntima.»

«Vós vedes turva a água,
Porque atravessei o rio,
Para entrar para a canoa,

Ordenei a um secravo,
Que dormiu no embarcadoiro,
Pousei-lhe o pé por cima,
Cravei-lhe uma faca no coração,
E foi então que subi para a canoa,
Depois de lhe ter cravado a faca no coração,
E o sangue correu para a água,
E os que ficaram para trás,
Logo que viram o sangue,
Ficaram a saber,
(que) o nosso Rei Makaba foi quem atravessou, o rio,
Onde se atracam as canoas no embarcadoiro do Kiongo,
Mandei deitar um escravo,
Calquei-o com um pé,
E espetei-lhe a faca no coração.»



E não se julgue que isto é um simples falar, um como que basofiar. Não. Estas e outras Zimvila, que nos dão a divisa de família, mostram bem até que ponto chegava o poder discricionário destes chefes de clã, poder de vida e de morte, para quem o escravo, sobretudo, afora o trabalho árduo que podia e devia realizar, não passaria de uma triste... coisa!

A divisa (MVILA) de Masundi

«Minu Masundi,
Minu kele lumbele lusimbu,
Ki si muana ko,
Ki si ntekulo ko,
Uonso ko uisumuna nkaka-nfumu,
Fuanikini ukiela ntu,
Vo banda muna nkondo,
Vo tula mu ivangu,
Vo koka va mbazu.»

«Eu sou Masundi (o Rei do Sundi),
Tenho a faca «lusimbu» (das execuções capitais),
Não há filhos (não olho a filhos),
Não há netos (não olho a netos),
(a) Toda o que peca contra a lei do Chefe,
É preciso cortar a cabeça,
Ou pregar no embondeiro,
Ou metê-lo na forquilha,
Ou queimá-lo no fogo.»

Mais uma amostra do poder, da força, do poder de vida e de morte destes grandes Chefes de clã. Neste clã Basundi era aos filhos do Rei defunto e aos maiorais da terra a quem competia a escolha do sucessor. Devem escolher o de mais saber e o que mais qualidades demonstrar ter para o governo do clã. Se o «Kinkanda», pequeno animal roedor, por pequena que tenha a cauda sempre tem alguma, também aquele que deve ser nomeado para presidir aos destinos de seu povo, deverá ter o mínimo de condições e qualidades para isso.

Kinkanda ke nkila:
Kete inamukunu podi kambua ko.

O «kinkanda» tem cauda:
Pelo menos um bocadinho não lhe pode faltar. Para governar é preciso, para isso, ter o mínimo de qualidades.

A eleição era em dia Nsona (correspondente ao nosso domingo) e avisava-se a gente de todos os povos. No meio da aldeia, no dia marcado, reúnem-se todos. Deviam estar sentados, e no chão o faziam. Estende-se uma esteira e uma pele de leopardo.

O mais digno da família acompanhado de um Mankaka, espécie de polícia, procura entre o povo o eleito, já escolhido mas que, pessoalmente, de nada sabe.

Levanta-o com o dedo mindinho (já vimos o Rei do Congo, Ntinu Wene, fazer assim a cada um dos nove Chefes) da mão direita, segura e trás o escolhido pegando-lhe também pelo mindinho, mas da mão esquerda, para o meio do povo e lugar onde se encontra a esteira e a pele do leopardo.

Nessa altura toda a gente se deve colocar de pé e saudar em altos gritos o novo Rei.

Aí é revestido das insígnias reais:
O barrete (Kimpene - pl. Bimpene ou Nzita - pl. Zinzita)
A murça (Kinzemba - pl. Binzemba)
Os dentes de leopardo (Meno mangó)
Uma pele de Kingolo Kinhundu, espécie de lontra, ou de leopardo, Ngó.







Castigos

A saída da casa do Rei espetavam, um de cada lado mas bastante juntos, deixando só espaço para o Rei passar, dois ramos de Malembo-Mpumbo. Entre esses ramos era estendido o pano interior do criminoso, o «nlele-nfula». Ao lado, junto do «nlelenfula», colocava-se a faca «Mbele Lusimbu», a faca das execuções, que o Rei tomava ao passar.

O Rei devia fazer o trajecto caminhando sempre num só pé, chicolapé, até ao lugar do castigo, mesmo que fosse até junto do embondeiro da «crucifixão.»

No local da sentença já lá está o criminoso. Está nu. Se o castigo era a degolação, o Rei passava a «Mbele Lusimbu» ao Mankaka que cumpria imediatamente a sentença. Se for outro o castigo, será dito pelo Rei.

Se o homem é condenado a ser pregado no embondeiro espera-se só o tempo necessário, para se afiarem os paus. Não havia pregos. O criminoso, no case de morte por degolação (kukiela ntu) ou por «crucifixão» (Kubanda muna nkondo - pregar no emboleiro), nunca era enterrado. Ali ficava a apodrecer e a ser comido pelas formigas, pelas abutres ou pelos chacais...

Era assim que se procedia naqueles tempos. E, o que aqui se diz do Rei Masundi, o mesmo se pode dizer, com mui pequenas diferenças, de todos os outros Chefes de clã.

NO ENTERRO DO REI

Toda a gente era avisada e convidada. Os escravos e animais que aparecessem eram apanhados e abatidos. Tinham que se esconder para escapar. Ao enterrarem o Rei abriam o caixão e colocavam o morto na posição de sentado e levantavam-lhe a mão direita. Nesta posição devia ser enterrado. Com ele enterravam também uma das pontas de marfim, de

entre as que todos os Reis possuíam. Veremos, quando se falar de mortes e funerais, como mais comummente se costuma proceder. Só a respeito de Masundi ouvimos falar nesta posição em que era enterrado.

A divisa (MVILA) de Mbenza

«Mbenza,
Kabenza ko mitú mizimpuku,
Benza mitú mibantu,
Tiaba kitiaba kunhi,
Nlékila zimpati zibantu.»

«Sou Mbenza - aquele que corta,
Não corto cabeças de ratos,
Corto cabeças de homens,
Racho (cabeças) como quem racha lenha,
(e) Durmo (ao calor) das costelas de gente (que estão postas a arder como se fosse lenha).»

Donde o nome de Kumbi?

Kumbi apresentou-se como Rei. Mas o povo disse: para que a gente saiba que és Rei, corta a cabeça ao teu próprio sobrinho. E ele assim fez e toda a gente gritou de susto e horror. Daí lhe vem o nome de Kumbi (de Kumba - gritar).

A divisa de Nanga Nakongo

«Eu sou Nanga, o coxo,
Mas vou muito longe,
As pedras da minha lareira são cabeças de homens,
A minha colher é uma costela de grande peixe.»



As insígnias do Rei

Como ceptro usava a planta - de Nkuisi. Quando o Rei recebia as insígnias cantavam:

«Nzau ngana lele, kotuk'abu,
lúa mambu, iúa:
A bili, bili i manga-manga
Matona mangó ai matona makikumbu.»

O elefante do outro dormiu, acorda,
Ouve a questão, ouve:

A bili, bili... (refere-se às pintas do leopardo) Pintas da pele do leopardo e do "Kikumbu" (espécie de gato bravo). Dentes de leão - meno mankose - e dentes de leopardo - meno mangó - e também as unhas deste - zíngongolo zingó.

Diziam que o leopardo era da família deles. Era o seu totem. Não era, por isso, tido como que um «deus» ou ser superior. Era um dos da família.

Devido a isso, sempre que matavam um leopardo por ter ficado preso em uma armadilha (doutra forma não podiam matar nem dar caça ao leopardo) traziam-no para a aldeia. Quem dava com ele na armadilha devia avisar toda a aldeia. A partir dessa altura ninguém - podia sair de casa ou correr a ver o leopardo morto por quem o apanhou na armadilha.

Trazia-se o leopardo para a aldeia e era colocado debaixo de uma «muanza», espécie de alpendre, pertencente aos filhos do Rei da terra. Era embrulhado o leopardo em um cobertor e ali ficava, em repouso, até que todos, mesmo os da família do Rei, pagassem o que deviam como tributo estipulado. Durante esse tempo havia danças. Era depois enterrado quase solenemente.



Quanto à caça ao leopardo em outros clãs

À caça do leopardo ia toda a gente, mesmo o Rei. Morto o leopardo, era levado para a aldeia. Todos os caçadores passavam o resto do dia e da noite a saltar, dançar e a cantar diante do cadáver do leopardo. O Rei designa quem deve abrir o leopardo. É sempre - escolhido, ou era, alguém de entre os nobres. A pele vai para o Rei. A carne e as vísceras são enterradas em cova bem funda. O fel é derramado - passava por ser forte veneno - e a vesícula cortada em bocadinhos e lançada ao rio para que não viesse a ser usada para matar alguém.

Quando era nomeado o Rei, marcavam-no com cal e com terra de diferentes cores, procurando reproduzir as pintas da pele do leopardo.

Porque se dá o nome de Nanga Nakongo? Além da interpretação que já vimos, Nanga, o coxo, outros dão uma segunda interpretação.

Neste clã de Nanga Nakongo, quando a uma donzela apareciam os primeiros sinais da puberdade, tinha ela de subir para uma árvore Nsanda, árvore que existia quase sempre no meio das aldeias e à sombra das quais resolviam, os chefes, os problemas e questões da terra.

E no alto da árvore ali deveria ficar a rapariga até passarem os seus dias. Nanga viria, neste caso, de Nanguna - Levantar. Não vamos descrever mais Zimvila. As que apresentamos mostram bem a «divisa de armas» das famílias, de algumas, Bakongo.

Qualquer pode notar que nem sempre coincidem os nomes dados nestas «Zimvila» com as listas dos nove descendentes de Vua li Mabene, A explicação está já dada. A mudança fácil, devido a circunstâncias várias, de nome.

Mas há uma Mvila que não foi transcrita só por que a não encontrei: a Mvila de Mangoio. Ainda em Dezembro de 1970, estando em Cabinda e procurando-a entre os velhos, mesmo entre o velho «pai» Madeka, procurando espevitar-lhe a memória com a leitura de outras Zimvila, nada me soube dizer, antes, que nada conhecia e que nunca tinha tido conhecimento disso.

Já no nosso trabalho «Sabedoria Cabinda» inserimos um provérbio, e seu símbolo, sobre a terra de Ngoio. Ngoio iéki muaia: lesiala ko fumu ina itúma.

O «Ngoio» está vazio: Não ficou Chefe para mandar.

Na verdade, não seria pequeno problema, mesmo para os mais velhos Cabindas, procurar agora designar quem teria real direito, na linha de sucessão, a governar aquelas gentes.

O Maiombe e os Baiombe

11 y a 30 ans, le Mayombe etait toujours... plus loin, quelque part vers le Nord. (de uma carta do P. Bittremieux ao autor)

Por princípio, o termo Baiombe é dado àqueles que habitam longe, que vivem na grande floresta. Os habitantes do Maiombe, quer português, do Congo Braza ou da República do Zaire, podem até ser Bakongo, Basundi, Baluango, Balinge, etc., etc.

Só há umas dezenas de anos para cá, por vezes, se chamam Baiombe aos povos que habitam o Maiombe geográfico de hoje.

Na verdade, dos nove descendentes de Vua Li Mabene nem de seus sucessores apareceu chefe com nome de MA-IOMBE (lombe, terra e Ma designação de realeza). Se se perguntar, seja a quem for, onde é o Maiombe, ele dirá que é lá longe, muito mais longe.

O nome de Maiombe encerra certa ideia de desprezo e ninguém toma isso como aplicado à sua terra. Chamar lombe a alguém é, nas mais das vezes, tomado como insulto.

Há quem defina Maiombe por terra de floresta. Não parece. Nunca é empregado neste sentido pelos indígenas.

Maiombe-e o seu sentido depreciativo - virá, certamente, do porto de Maiumba, no Reino de Loango, ao Sul do Cabo Negro.

No tempo da escravatura, Maiumba era um dos portos mais importantes desse tráfico. O que hoje se chama Maiombe era, então, uma das regiões onde mais escravos se colhiam. Por isso, os escravos embarcados em Maiumba, acabariam por ser chamados Maiombes bem como a região onde eram apanhados, comprados e vendidos...

Assim se compreende perfeitamente que ao termo Maiombe, lombe e Baiombe ande unido um forte sentido perjurativo. (Cf. Overbergh, in « Mayombe »)



MAKURIÁ NZAMBIRI KIA MINKISI **(COMIDAS SAGRADAS DOS MINKISI)**

Tata Kiretauã



Ver Perfil

https://www.blogger.com/profile/08176883277188883929

INTRODUÇÃO

As pessoas perguntam o porque das tradições religiosas Bantu e Nagô sendo diferentes, em relação aos seus povos, cultos, costumes, fundamentos, línguas, vestimentas, Divindades, etc..., porque as comidas e ofertas sagradas seriam iguais?? Digo que com certeza existem diferenças, mas de certa forma também semelhanças!!

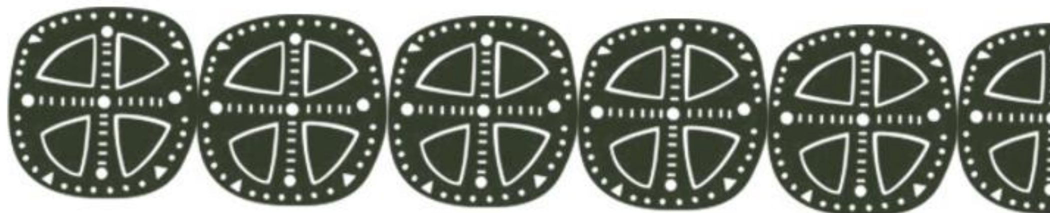
As diferenças existem nos nomes dos pratos, nos nomes das comidas e iguarias e nas rezas (jingolosi/Asambe), pois são línguas e costumes diferentes, também é diferente o modo do preparo e os recipientes onde serão colocadas as comidas para a oferta (kibane).

Na cultura dos povos Bantu, diferentemente da cultura Nagô Yorubá não se usa louça, pois a mesma é de origem europeia. A tradição dos nativos Bantu antecede a descoberta da louça e as comidas sagradas (Makuriá Nzambiri), são servidas no barro, em cabaças, madeira ou até mesmo utilizando-se de folhas de mamona branca (baiki mundele) e banana (dihonjo), pois nossos Minkisi são os próprios elementos da natureza, a própria energia que emana da mãe natureza (Mam'etu Utukilo), dispensando assim o uso de quaisquer utensílios que não sejam de origem natural.

Nas questões das semelhanças, além do fato das misturas que existem em muitas casas de Angola com os cultos Nagô Yorubá/Ketu, fazendo assim um cardápio erroneamente único, existem as semelhanças na própria África, que falarei a seguir.

As semelhanças já existiam em África, no plantio de seus alimentos e também nos costumes alimentares, que são bem semelhantes em todo continente africano, talvez assim tenha surgido essa igualdade nas ofertas das comidas aos Deuses e Divindades, pois a mesma mandioca e os mesmos grãos que eram plantados em Benin (hoje Nigéria), também eram plantados em Luanda e Mbanza, os dendezeiros eram abundantes em todo continente e o mel adoçava toda África.

Postarei agora, comidas sagradas (Makuriá Nzambiri) dos Minkisi conforme as tradições dos povos Bantu, sendo uma receita para cada Nkisi.



COMIDAS SAGRADAS PARA MINKISI NA TRADIÇÃO BANTU

PAMBU NJILA

Nome do prato: EBEGU

Prato preparado com fubá de arroz cozido em água e sal até formar uma papa, que depois de cozida será adicionada a uma farofa de azeite de dendê, o produto obtido será juntado às carnes cruas das obrigações realizadas para Pambu Njila, sendo tudo colocado em pratos (malonga) aos pés do assentamento desse Nkisi.

NKOSI

Nome do prato: OKELELE

Feijão fradinho pilado ou passado em moenda, temperado com folhas de hortelã, coentro, cebola (lúmbua) ralada e azeite de dendê. A massa obtida será enrolada em forma de pequenas bolas, colocadas em folhas de bananeira e cozidas em vapor de água. Serão servidas em vasilhas de barro forradas com folhas de mamona branca (baiki mundele).





MUTAKALOMBO

Nome do prato: MASAMBALA

Prato preparado com canjiquinha de milho vermelho cozida em água e sal, temperado com coentro, alfavaca e cebola (lúmbua) ralada. Depois de bem cozida, colocar em vasilha de barro forrado com folhas de mamona. Enfeitar com amendoim torrado (Ngiguba), fatias de goiaba (Kimbambule), coco ralado e cipó barba de velho ou cipó chumbo (kamusoso).

KATENDE

Nome do prato: KIKUA NI KIBABA

Comida feita com milho vermelho cozido ou torrado no azeite de dendê (maji ma ndende), colocado em vasilhame de barro forrado com folhas de mamona, tendo por cima uma batata doce cozida aberta ao meio horizontalmente e ao seu redor fatias de goiaba (Kimbambule) e fumo de rolo (kifuke ia kupunda) desfiado, tudo regado com mel de abelhas.

NZAZI

Nome do prato: KIBOLO

Prato preparado com quiabos cozidos em rodelas não muito finas, temperado com sal, cebola ralada, folhas de louro e camarões (makosa) secos. Depois de bem cozidos, pôr em vasilha de madeira e adicionar uma papa feita com farinha de arroz ou farinha de acaçá (mukunga),

podendo nesta comida serem misturadas as carnes dos animais que foram utilizados nos rituais para essa Divindade.

KAVUNGU

Nome do prato: KUSUANGALA NI DIHONJO

Prato preparado com pirão de arroz, temperado com folhas de maravilha, louro, mastruço, cebola ralada e sementes de coentro piladas, um pouco de pimenta da costa e azeite de dendê. Colocar em uma vasilha de barro forrada com folhas de mamona, bananas da terra cortadas em rodelas e ligeiramente fritas em óleo branco, depois polvilhar com canela em pó, colocando por cima o pirão anteriormente apurado.

KITEMBU/NTEMBU

Nome do prato: DIHANGUA NI KANJELE

Cozinhar uma abóbora vermelha, abri-la por cima e retirar ramas e sementes. Recheá-la com camarões secos cozidos em água temperada com folhas de louro, hortelã e coentro. Depois refogar em azeite de dendê juntamente com castanhas de caju, amendoim, cebola batida e um pouco de vinho tinto. Servir em vasilha de barro, forrada com folhas de mamona branca e cipó chumbo.

HONGOLO

Nome do prato: MBONZO

Cozinhar batatas doce em rodelas não muito finas, temperando durante o cozimento com canela em casca, cravos e uma pitada de pimenta da costa em pó e pó de aridan. Escorrer e seca-las bem, depois fritar as rodelas de batatas doce em azeite de dendê e servi-las em travessa de barro ou em uma cabaça cortada ao meio, forrada com folhas de mamona branca ou guaco, podendo acrescentar ainda um pouco de melado de cana.

ZUMBÁ

Nome do prato: DOVLÓ

Prato feito com feijão fradinho cozido em água e sal, temperado com folhas de salsa e funcho. Depois retirar as peles dos feijões, os mesmos serão refogados com azeite de dendê e camarões, acrescenta-se carne cozida de peixe de água doce.
São colocadas pequenas porções em folhas de taioba que depois serão recozidas em banho Maria. Colocar em vasilha de barro forrada com folhas de taioba.



NVUNJI

Nome do prato: KIVÚDIA

Prato feito com quiabos cortados ao longo em cruz, refogados com azeite de dendê, cebola, folhas de mostarda, camarões, água e sal. Depois de quase pronto, acrescenta-se amendoim e castanha de caju. Servir em vasilha de barro forrada com folhas de laranjeira (muxi-mindéle).

KAIANGO/MATAMBA

Nome do prato: MAKANZÁ

Bolo feito com massa de feijão fradinho, cebola (lúmbua), farinha de camarão (kazeia makosa), sendo acrescentados camarões secos fritos no azeite de dendê (maji ndende) bem quente. Depois de esfriar servir em vasilha de barro forrado com folha de banana.

DANDALUNDA/NDANDA

Nome do prato: DIKENDE

Massa de feijão fradinho temperada com ervas aromáticas, cebola ralada, camarões secos e gengibre ralado. Enrolar em folhas de bananeira e cozinhar ao vapor da água. Servir em uma cabaça cortada ao meio e forrada com erva de Santa Maria (kixiriximba)

KUKUETO / KAITUMBA / SAMBA

Nome do prato: KUBALUMUKA KAITUMBA

Prato com arroz cozido com cebola e camarões, temperado com azeite de dendê e coentro, tendo por cima uma tainha frita no azeite de dendê ou simplesmente cozida. Servir em prato de barro forrado com folhas de colônia (kididi kiá utunge).

LEMBÁ DIANGANGA / LEMBÁ

Nome do prato: MATETE

Prato feito com milho branco bem cozido em um chá forte de erva doce e canela em casca com leite de coco e açúcar, mexendo-se bem até formar uma massa consistente. Enfeitar com coco ralado e servir em uma cabaça cortada ao meio forrada com folhas do algodoeiro (mujinha).

Transcrição e adaptação: Luiz L. marins

FONTE: CULTURA E TRADIÇÃO CONGO NGOLA BANTU. Acessado em 13/12/2014. Disponível em: http://tatakiretaua.blogspot.com.br/2009/05/makuria-nzambiri-kia-minkisi-comidas.html



www.luizlmarins.com.br